

## QUANDO O HUMOR (NÃO) É HUMOR?: UMA ANÁLISE DOS MODOS DE SIGNIFICAR A UNIVERSIDADE PÚBLICA NO DISCURSO CONSERVADOR

### WHEN HUMOR (IS NOT) HUMOR?: AN ANALYSIS OF THE WAYS OF SIGNIFYING PUBLIC UNIVERSITIES IN CONSERVATIVE DISCOURSE.

Alan Lobo de Souza (UESPI)<sup>1</sup>

**Resumo:** Com este artigo, pretendo investigar os modos de significar a universidade pública no Brasil em meio ao funcionamento do discurso conservador. Para tanto, assumindo a perspectiva teórica da Análise do discurso materialista, analiso um meme publicado na rede social *Instagram* que mobiliza procedimentos tradicionais do discurso humorístico (por exemplo, o sarcasmo e a zombaria), produzindo, contudo, uma nota de repúdio por parte de uma Universidade Pública Federal. São dois os objetivos: (i) refletir sobre o modo como um material humorístico pode ser encarado tanto como um ato de humor quanto um ato de ofensa – nesse caso sendo negada a existência do próprio humor; e, (ii) a partir da compreensão do item anterior, descrever o arranjo das filiações e posições articuladas historicamente e projetadas no meme em análise, de modo a compreender o funcionamento discursivo que dá corpo ao embate.

**Palavras-chave:** Meme. Humor. Discurso conservador. Análise do discurso.

**Abstract:** In this article, I aim to investigate the ways of signifying public universities in Brazil amidst the functioning of conservative discourse. Therefore, assuming the theoretical perspective of materialist discourse analysis, I analyze a meme published on the social media platform Instagram that mobilizes traditional procedures of humorous discourse (for example, sarcasm and mockery), producing, however, a note of condemnation from a federal public university. The goal is twofold: (i) to reflect on how humorous material can be regarded both as an act of humor and an act of offense – in this case, denying the existence of humor itself; and (ii) based on the understanding of the previous item, to describe the arrangement of affiliations and positions historically articulated and projected in the analyzed meme, in order to understand the discursive functioning that gives rise to the clash.

**KEYWORDS:** Meme. Humor. Conservative Discourse. Discourse Analysis.

### Introdução

*“A história não se repete, mas ela rima” (Frases atribuídas a Mark Twain)*

Não são novos os modos de representar o papel da universidade pública no Brasil. Entre estes, os mais comuns são a associação ao lugar das “discussões comunistas”, dos “discursos contra a

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística. Docente do Programa de Pós-graduação em Letras – Universidade Estadual do Piauí. Contato: [alan.lobo@prp.uespi.br](mailto:alan.lobo@prp.uespi.br).

família”, dos estudos considerados de temáticas ou utilidades “duvidosas”, “verdadeiros gastos do dinheiro público”, entre outras associações falaciosas, para dizer o mínimo. Tais generalizações são frequentemente direcionadas aos cursos de humanas, embora as menções às festas e ao “uso deliberado de drogas” sejam as atribuições mais corriqueiras e englobantes no ataque direcionados a esse espaço como um todo.

Observando a recorrência com que um discurso dito conservador funciona em meio aos ataques às pesquisas desenvolvidas nas universidades públicas (aparentemente um desconforto em relação apenas aos títulos e aos temas das pesquisas), esse trabalho pretende analisar uma postagem do jornal “O Piauiense” no Instagram, que divide seus leitores ao ser considerada, de um lado, como um ato humorístico, e, de outro, um ato de desrespeito que não evoca o riso. Trata-se mais especificamente de um vídeo<sup>2</sup> em que um homem sentado à mesa composta com um computador, uma pilha de livros e uma caixa de leite de soja, retira um pênis de plástico lilás de uma caixa situada em uma das gavetas da mesa e, com os olhos fechados pelas próprias mãos, arremessa o objeto em direção a um quadro branco em que é possível ler, em inglês, os nomes de alguns países<sup>3</sup>, acertando na “Venezuela”; em seguida, arremessa o objeto mais uma vez em outro quadro, este com o título “Minorias”, acertando em “Transgênero” (OPIAUIENSE, 2023). O suposto vídeo, na parte superior, ao longo de toda a passagem, tem o seguinte enunciado em português acrescido: “*AlunX da UFPI escolhendo o tema do TCC*”, sublinhando o fato de que o vídeo foi modificado, sobretudo pelos nomes escritos no quadro serem em inglês como já sublinhado em nota de rodapé.

A postagem circula como uma resposta do jornal “O Piauiense” em relação à matéria de outro jornal, o “CidadeVerde.com”, publicada em 03 de março de 2023, intitulada “Pesquisadora é alvo de ataques de ódio após defender dissertação de mestrado na UFPI” (MORENO, 2023). A matéria relata os ataques sofridos por uma mestranda em relação ao tema de sua pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas (UFPI, 2023) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) intitulada “*Sapatonas caminboneiras negras e o mercado de trabalho como um desafio*”. Acrescenta-se aos elementos associados à postagem que será analisada, a nota de repúdio assinada pela Coordenadora do PPGPP em que, entre outros fatores, sublinha o desrespeito sofrido pela aluna do programa e, por conseguinte, direcionado à própria instituição de ensino:

[A instituição] Lamenta a cultura de ódio, desconhecimento, ignorância, negacionismo da ciência, em especial das Ciências Sociais. Os objetos de pesquisas destas Ciências são da vida social e têm a marca da sociabilidade do capital e as pesquisas que desvendam e criticam o sexismo, patriarcalismo, racismo e o capitalismo que geram dominações e opressões que ampliam as desigualdades sociais, as assimetrias de poder e de acesso aos bens e serviços criados por esta sociedade, por não serem neutras diante destas desigualdades sociais, por defenderem a vida social mais justa e igualitária, são consideradas a-científicas, aberrações e sofrem **ataques da direita conservadora**, da ciência positivista pretensamente neutra, mas que reproduz o status quo e se cala diante das injustiças sociais naturalizando-as.

---

<sup>2</sup> Nessa primeira parte do texto, prefiro nomear a publicação como “vídeo” ou, em sua compreensão mais genérica, como uma postagem vinculada a uma rede social. Mais adiante, contudo, discutirei a possibilidade de encará-lo como um meme.

<sup>3</sup> É importante dizer que o vídeo não é uma produção brasileira: os nomes dos “países” (*Poor country*) e das “minorias” (*Minority*) em destaque nos quadros estão em inglês. De antemão, compreende-se não apenas que se trata de uma representação talvez em nível mundial do modo como as pesquisas são realizadas nas universidades, mas também como esses ataques se aproximam de temáticas e comunidades específicas, comumente presentes nos discursos conservadores. Acerca desse funcionamento discursivo, farei algumas considerações mais adiante na análise do *corpus*.

Toda ignorância é realmente audaciosa, contra ela temos o saber científico. (UFPI, 2023) (Grifo meu)

Embora apresente uma descrição resumida do *corpus* e das suas condições de produção, é compreensível que, a fim de descrever e analisar os efeitos de sentido que o *corpus* produz, seja necessária não só a familiaridade dos leitores em relação ao tema, à instituição e ao sujeito-aluno mencionados, como também em relação ao posicionamento que o jornal assume diante deles. Todos esses componentes serão retomados e esmiuçados mais adiante neste trabalho. Nesse momento, é importante sublinhar a relevância em se debruçar sobre esse material que, apesar de poder ser interpretado como um “embate” supostamente local entre Jornal e Universidade, corresponde a uma disputa historicizada no cenário brasileiro e mundial, e que tem repercutido com maior regularidade nos últimos anos em postagens associadas a setores da sociedade autointitulados conservadores. Impõe-se, desse modo, a necessidade de compreender quais discursos são postos em confronto.

Neste trabalho, o humor (ou a negação dele) será o fio condutor das inquietações aqui produzidas, à medida que o funcionamento do vídeo se realiza simultaneamente aos discursos que são mobilizados, à memória discursiva que evoca. Como assevera Possenti (2007), [...] o humor, entre outras coisas, exagerando um conjunto de características, tem o condão de tornar mais visíveis os traços de um discurso, facilitando, de certa forma, o trabalho do analista. (POSSENTI, 2007, p. 82).

Com efeito, o humor compreende uma prática social que, de modos distintos ao longo da nossa história, sempre se constituiu como um lugar de divisão de sentidos que afetam o sujeito (SOUZA, 2017). Não por acaso, sobre o discurso humorístico incidem gestos de leitura das práticas sociais que deslocam sentidos dados como fixos sobre os quais se exige reconhecimento. Daí a compreensão de que a interpretação de um gesto humorístico mobiliza o modo como ele é constituído, formulado, com o modo como ele circula em determinadas circunstâncias. Diante disso, a materialidade linguística (em suas nuances próprias do humor) ganha corpo se compreendida a materialidade discursiva que a engendra.

Centrado, portanto, no funcionamento do humor, esse trabalho visa atender a um duplo objetivo: (i) refletir sobre o modo como um material humorístico pode ser encarado tanto como um ato de humor quanto um ato de ofensa; nesse caso sendo negada a existência do próprio humor; (ii) a partir da compreensão do objetivo anterior, descrever o arranjo das filiações e posições articuladas historicamente e projetadas no vídeo em questão, de modo a explicar o funcionamento discursivo que dá corpo ao embate.

A análise terá como base teórica-metodológica a Análise de discurso materialista (doravante AD) assim difundida e trabalhada no Brasil já há algumas décadas, a qual propõe analisar o funcionamento da linguagem em sua opacidade, a equivocidade que a constitui e está presente nas práticas sociais cotidianas em nível simbólico. É compreensível, portanto, a designação da AD de legado francês como uma “disciplina interpretativa” (ORLANDI, 2012) ou como uma “teoria da leitura” (POSSENTI, 2011). Esse entendimento endossa a importância de estudos descritivos-interpretativos sobre a linguagem que tomem a questão dos efeitos de sentido a partir de uma análise dos processos discursivos (indissociável dos sujeitos que a praticam) que tornam possível a significação.

Tendo em vista que com frequência encontramos afirmações na sociedade de que uma publicação, seja ela publicizada em uma rede social, seja produzida em programas televisivos ou em *stand-ups*, não se trataria de humor por não fazer o leitor rir (SOUZA, 2013), centralizo a análise a partir dos seguintes questionamentos: (i) em que medida é possível associar o material analisado a um ato (não) humorístico?; (ii) assumindo-se que se trata de um “ato de humor”, como assumem os leitores

do jornal em inúmeros comentários feitos na postagem em análise, quais os fatores discursivos explicariam essa compreensão?

Para responder a esses questionamentos, proponho dividir o trabalho em duas partes, seguidas das conclusões: a primeira, dedicada a visitar algumas pesquisas destinadas a responder o que se pode compreender como humor e como um “texto humorístico” faz rir; a segunda, dedicada à análise do vídeo em questão, considerando-o como um objeto simbólico de um funcionamento discursivo, reproduzidor de ideologias, e que produz um efeito de humor para parte de seus leitores.

## 1 Quando o humor (não) é humor?

As pesquisas sobre o humor e o riso, observadas em diferentes campos de estudo (a filosofia, a história, a psicanálise, entre outros) assumem tanto uma predileção descritiva e explicativa centradas na composição do ato/texto/quadro humorístico quanto uma preocupação em analisar os efeitos que estes produzem em dada época e sociedade. Sobre o funcionamento do riso, Possenti (2007) afirma que:

Em resumo, poder-se-ia dizer que são dois os fatores básicos que provocam o riso, segundo os clássicos: (a) os defeitos dos outros, o ridículo, o exagero etc., o que teria que ver de certa forma com o “conteúdo” do texto humorístico; (b) a surpresa ou novidade, ou o desvio do esperado, o que teria basicamente que ver com a técnica do texto humorístico. (POSSENTI, 2007, p. 85)

Ao falar do funcionamento do riso, Possenti sublinha a técnica do texto humorístico. Essa aproximação entre objetos de estudo distintos, riso e humor, comparece com frequência em discussões sobre o que é (ou deveria ser) um ato de humor. Embora o riso (ou a ausência dele) seja encarado nessas discussões acaloradas como uma evidência simbólica de um ato de humor ou a negação dele, centrarei a discussão nos discursos sobre o humor: acredito que estes dão corpo a opacidade que acompanha o embate.

Em uma pesquisa centrada no humor, Souza (2017) compreende que muito do que vem sendo discutido sobre a temática retoma também reflexões clássicas sobre o riso. Em se tratando de uma análise discursiva sobre o funcionamento do discurso humorístico, compreende que o papel da descrição das determinações históricas de um dado discurso é fundamental para a tentativa de compreender o que hoje é discutido como limites do humor. De fato, trata-se de um funcionamento que historicamente converge para o discurso sobre o riso, apesar de humor e riso serem objetos distintos em virtude da complexidade que cada um apresenta.

Na Grécia antiga, as peças teatrais eram marcadas mais pelo seu desfecho do que necessariamente pela estética. É o caso, por exemplo, das peças que se desdobravam em uma disputa: quando a querela se dava entre um humano e um Deus, e, ao final da peça, a disputa termina com o humano não admitindo que estava errado, a peça era considerada uma tragédia – não é difícil imaginar o motivo. Porém, quando a disputa se dava entre humanos – portanto a zombaria era possível –, e um dos dois acabava por ceder diante da disputa, a peça era caracterizada como sátira. Distante do teatro grego, o que (des)caracterizaria o ato humorístico como a sátira (termo atribuído às charges do jornal Charlie Hebdo, por exemplo)? Ou, mais genericamente, o que (des)caracterizaria o humor?

Com efeito, as tentativas de impor limites deslocam-se ao longo da história, sem, contudo, perder as imposições de um discurso dominante: na Antiguidade, os filósofos e retóricos assumiram esse posto; no período medieval, os monges e teólogos respondiam pelo discurso institucionalizado

da Igreja, articulando leis (e punições) em torno do próprio ato de rir, caracterizando-se como o momento dos “manuais de civilidade”; na idade moderna, a interdição parece dar lugar à exploração de incipientes campos de pesquisa, como afirmam Bremmer e Roodenburg (2000): “Era de se esperar que nos tempos modernos psicólogos e sociólogos ficassem em primeiro plano, sendo o estudo de Freud o exemplo mais largamente reconhecido desta tendência.” (BREMNER; ROODENBURG, 2000, p. 21). Todos esses movimentos apresentam uma ancoragem na história.

Em “Des catégories pour l’humour?”, Charaudeau (2006) propõe a categorização do humor a partir de distintos parâmetros que, segundo o autor, servem de base para um trabalho de análise comparada entre os contextos culturais francês e espanhol. O ponto inicial de abordagem compreende a observação de três dificuldades encontradas ao se falar de humor: (i) a relação entre riso e o ato humorístico; (ii) a variedade de termos que podem caracterizar o ato humorístico e a decorrente imprecisão; e, por fim, (iii) a delicada relação entre ironia e humor.

No primeiro caso, o autor sumariamente encerra a discussão ao afirmar que, apesar de um ato de humor ser necessariamente um ato de enunciação “para fazer rir”, esse não é suficiente para validar um ato humorístico. A prova disso está na base da própria enunciação: um ato de enunciação compreende “efeitos possíveis” (CHARAUDEAU, 2006) que não se limitam ao ato humorístico. Assim, é possível encontrar ato enunciativo humorístico em descrições dramáticas, em peças publicitárias, na mídia, na política etc., como assevera o próprio autor. No entanto, tratando-se dos discursos sobre o humor, a relação entre riso e humor é frequentemente posta em discussão em debates em geral, como veremos mais adiante. Talvez seja justo dizer, nesse momento, que se trata de um posicionamento que não atribui uma separação entre riso e humor por não se dar conta da independência desses dois domínios, riso e humor.

A segunda dificuldade anotada por Charaudeau consiste na busca de um termo que possa designar o ato humorístico, na medida em que há inúmeras possibilidades de nomeação. Assim, o autor recorre à alusão aos dicionários e expõe as inúmeras denominações: cômico, ironia, derrisão, grotesco, engraçado, divertido etc. Além disso, sublinha a ausência de uma hierarquia e a presença de sinônimos. Fato esse que lhe permite avançar para a terceira dificuldade: a (in)viabilidade de se recorrer às categorias retóricas. Diante da imprecisão dos dicionários, o autor propõe observar a categorização proposta pela retórica e põe em relação a ironia e o humor.

Dentre as dificuldades observadas por Charaudeau, chama-nos a atenção a primeira delas. Não necessariamente a relação entre riso e humor, mas a compreensão do ato humorístico enquanto uma situação de enunciação. Observada a não redutibilidade associativa entre riso e humor, o autor sublinha que o ato humorístico é também um ato de linguagem. E, como ato de linguagem, há uma situação enunciativa em que se inscreve a enunciação. Charaudeau defende a existência de uma tríade interdependente na situação de enunciação que envolve o ato humorístico: os protagonistas (locutor, destinatário e alvo), o tema e o processo linguageiro.

A participação dos protagonistas interessa justamente por caracterizar a nossa problemática. Segundo o autor, o destinatário pode assumir um lugar de cumplicidade ou de vítima. “A depender do caso, um ato humorístico pode ferir o outro ou torná-lo um cúmplice.” (tradução minha).<sup>4</sup> (CHARAUDEAU, 2006, p. 22). Em outras palavras, se o locutor conta uma história engraçada em que certo personagem-alvo é o próprio destinatário, o locutor deve justificar a sua enunciação sob o risco de ser mal considerado pelo seu interlocutor.

Esse é um ponto central nas discussões sobre o humor: a presença do alvo. Segundo o autor, é por intermédio do alvo que o ato não põe em cena as discordâncias, disjunções e o modo como são

---

<sup>4</sup> “Selon les cas, un acte humoristique peut blesser l’autre ou le rendre complice.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 22).

realizadas associações e disjunções a respeito de determinado tema. Nesse cenário, o alvo pode ser, como pode não ser um dos protagonistas (no caso, o destinatário), mas é o ponto central tanto no funcionamento humorístico quanto nas observadas polêmicas em torno de determinados atos humorísticos. A questão levantada pelo autor, no entanto, é uma referência ao trabalho de Freud, quando este explica o funcionamento dos chistes hostis: “Tornando nosso inimigo pequeno, inferior, desprezível ou cômico, conseguimos, por linhas transversas, o prazer de vencê-lo – fato que a terceira pessoa, que não despendeu nenhum esforço, testemunha por seu riso.” (FREUD, 1996 [1905], p.103).

Segundo Charaudeau (2006, p. 24), “O tipo de humor e o efeito que ele produz sobre o destinatário não serão os mesmos segundo a natureza do ‘universo discursivo’ (ou ‘domínio temático’) em questão e seu grau de aceitabilidade social.” (tradução minha)<sup>5</sup>. Ou seja, o analista admite a aceitabilidade social como um ponto relacionado com a temática. E, a não omissão no discurso humorístico, admite a possibilidade de se fazer humor sobre qualquer tema. Assim, questiona as tentativas já realizadas por disciplinas como a Antropologia, a psicologia social e as Ciências da linguagem, entre outras, de produzir uma categorização das representações das atividades sociais em dois domínios: “domínios de práticas sociais” e “domínios de experiência”. A dificuldade de se estabelecer esse “catálogo” é admitida justamente pela impossibilidade de se descrever os inúmeros olhares de uma sociedade, o que para o autor resultou em uma proliferação de categorias de representação. Diante disso, propõe uma simplificação para a análise dos fatos humorísticos: utilizar distinções simples a partir das quais podem aparecer aos poucos temas diferentes.

Souza (2017) sintetiza o debate sobre o entendimento do ato humorístico dividindo-o em duas frentes: de um lado, a relação de solidariedade (partilhamento de ideias) com o humorista ou responsável por dizer ou publicar um ato humorístico; de outro, o contrário, a negação do ato enquanto humor, mas apenas um comentário maldoso, grosseiro – o que resultará inclusive no modo como parte do público questionará o fato de o autor do enunciado polêmico ser encarado eventualmente como um humorista. Nesse caso, ocorrerá uma denúncia de que se cometeu um abuso: o ato humorístico é interpretado como uma forma de opressão a determinado grupo social ou como um ato de ofensa a um alvo específico, uma pessoa – apesar de direcionada a uma pessoa, há uma interpretação indissociável de uma ofensa dirigida a um grupo ou comunidade (por exemplo, machismo/patriarcado em relação às mulheres ou à comunidade LGBTQIA+). Nesses debates, estão em funcionamento os tabus, atravessados pelo imaginário dos limites do dizer, da liberdade de expressão.

Para Paveau (2015), este último é considerado um “acontecimento discursivo moral”: a questão da dimensão moral dos enunciados emerge de um “acontecimento discursivo moral”, ou seja, de um conjunto de comentários e reações, em dado grupo ou sociedade, a propósito de dado enunciado. O discurso público é rico nesse tipo de acontecimento, que desencadeia a indignação coletiva, formulada frequentemente em termos morais (PAVEAU, 2015, p. 25).

Sobre esse funcionamento, Charaudeau (2006) defenderá que

O ato humorístico coloca o humorista em uma posição de onipotência (talvez em uma posição de ilusão de onipotência), na medida em que seria um sinal do triunfo do espírito das convenções e moralidade social. Por um momento, durante o ato humorístico, o sujeito ocupa o lugar do diabo: ele libera as restrições do pensamento social, negando-o ou relativizando-o, ele oferece o peso real, as crenças, e, ao mesmo tempo, o seu "terror" (Jankélévitch, 1964): um ato de lucidez que permite libertar a

---

<sup>5</sup> “Le type d’humour et l’effet qu’il produit sur le destinataire ne seront pas les mêmes selon la nature de « l’univers de discours » (ou « domaine thématique ») mis en cause et son degré d’acceptabilité sociale.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 24)

estupidez humana. Mas esse ato não pode ser plenamente realizado se não inclui um cúmplice.<sup>6</sup> (CHARAUDEAU, 2006, p. 40)

De fato, observar a questão da relação humor/cúmplice comumente defendida pelos autores da postagem de um dito quadro de humor é diferente de uma análise de uma enunciação envolvendo um humorista e todo o cenário que o legitima. Este último é observado por Daninos (*apud* MINOIS, 2003) ao defender a questão do “poder” do humorista: “Tratar jocosamente coisas graves e gravemente coisas engraçadas, sem jamais se levar a sério, sempre foi próprio do humorista. Graças a isso, ele pode, com frequência, dizer tudo, sem parecer tocá-lo” (DANINOS *apud* MINOIS, 2003, p. 79). Diante desse posicionamento que não expõe a necessária presença da cumplicidade, emerge seguinte questionamento: é possível afirmar que a relação humorista/ouvinte não é determinante para o funcionamento do humor? Ademais, se essa relação for imprescindível, é possível afirmar que o controle social só opera quando a cumplicidade falha?

Nesse momento, limito-me a descrever o seguinte cenário: de um lado, o humorista (ou responsável por uma postagem, no caso de nossa análise) declara-se vítima de um julgamento opressivo. Este insiste na tese de que sofre censura por parte da sociedade (mas também não esquece de sublinhar que há um público que compreende e que se solidariza com a suposta interdição que sofre). A liberdade de expressão será o argumento central utilizado em sua defesa, o meio de legitimar o seu direito de dizer – o que incluiria o direito de fazer piada sobre qualquer assunto, sobre qualquer grupo. O acusado eventualmente denunciará a existência da prática do politicamente correto<sup>7</sup> por parte da sociedade e a condenará por um julgamento ideológico.

De outro lado, o público, heterogêneo e atravessado pela historicidade que os afeta diante do suposto ato de humor, reage a esse ato de vitimização do humorista ou responsável pela publicação do texto humorístico. Inclusive também poderá se valer dos mesmos pontos mencionados pelo humorista: a liberdade de expressão (os limites do dizer), embora seja por linhas distintas. Esse duplo movimento, da parte do jornal e da parte do público que não encara o vídeo como um ato de humor, torna incontornável a análise do modo como esse debate se constrói historicamente, a fim de compreender os efeitos de sentido que produz. Está em discussão não apenas a responsabilidade do jornal pela publicação, mas também a compreensão de que se trata de um debate atravessado por diferentes discursos: de um lado, o que vem o papel da universidade na sociedade; de outro, os limites da liberdade de expressão.

Por fim, em resumo, compreendo que o humor na sociedade tende a ser interpretado em sua contradição constitutiva enquanto: (i) Prática que faz rir; (ii) Prática que (não) deveria comportar certos temas; (iii) Prática saudável e que une comunidades/grupos; (iv) Prática que expõe diferenças no modo como uma sociedade vê outras. Na medida em que na AD a ideologia é pensada enquanto práxis, interessa descrever e compreender como se dá essa contradição.

---

<sup>6</sup> “L’acte humoristique met l’humoriste dans une position d’omnipotence (peut-être d’une illusion d’omnipotence) dans la mesure où il serait le signe du triomphe de l’esprit sur les conventions et la morale sociale. Durant un instant, celui de l’acte humoristique, le sujet occupe la place du Diable : il se libère des contraintes de la pensée sociale en la niant ou en la relativisant, il se délivre du poids du réel, des croyances et par la même occasion de ses « terreurs » (Jankélévitch, 1964) : un acte de lucidité qui l’affranchirait de la bêtise humaine. Mais cet acte ne peut s’accomplir pleinement que s’il y inclut un complice.” (CHARAUDEAU, 2006, p.40)

<sup>7</sup> Entendo aqui o discurso politicamente correto como uma semântica segundo a qual determinadas atitudes e posicionamentos sociais devem apresentar um limite do dizer imaginado/idealizado que resultará num funcionamento próprio e indissociável de suas condições de produção. Em outras palavras, embora o discurso (e o significante) politicamente correto possa ser encarado como uma unidade e em sua relativa estabilidade temática e discursiva, entendo que comportará diferentes significações ancoradas na memória discursiva que mobiliza no embate em específico.

## 2 O funcionamento discursivo no meme

Comprometi-me no início do texto a tratar do *corpus* enquanto um *meme*. Para tanto, recorro a dois estudos dedicados a esse objeto (MUNIZ, 2018; LOPES, 2020), a fim de explicitar o entendimento do que vem a ser esse gênero discursivo multimodal nessa análise.

Tanto Muniz (2018) quanto Lopes (2020) recorrem à obra de Dawkins (2003 [1976]), “O gene egoísta”, de 1976, ao sublinharem a nomeação pioneira do meme: “unidade mínima de memória”. Com isso, caracterizam o gênero a partir do que parece ser uma porta de entrada para uma abordagem discursiva: o funcionamento da memória discursiva como determinante para a constituição dos efeitos de sentidos produzidos pelos memes.

Essa trajetória é realizada por Muniz (2018), ao levantar o seguinte questionamento:

E o que pode dizer o humor em memes, gênero discursivo que reatualiza uma memória discursiva em sua composição intersemiótica e multimodal, efemeramente espalhados e re-espalhados em profusão pelas malhas das diversas redes sociais que marcam as relações na contemporaneidade? (MUNIZ, 2018, p. 414)

Muniz, ao passo que intenta compreender o funcionamento do humor nos memes, caracteriza-os a partir da relação entre a memória discursiva, a multimodalidade e o modo como este circula nas redes sociais. Essa compreensão amplia o olhar sobre um objeto complexo, repleto de particularidades próprias do meio digital, o que impõe um olhar mais detido por parte do(a) analista do discurso sobre o seu funcionamento, como propõe Dias (2015) ao afirmar que:

[...] o funcionamento dos discursos, com a internet e o próprio trabalho com o arquivo, precisa levar em conta as condições de produção da internet e, como venho dizendo, a discursividade da rede de sentidos, que não escapa à injunção do digital e dos modos de existência dos sujeitos e de produção dos sentidos na sociedade digital. Para isso, porém, é preciso um real trabalho de leitura de arquivo, ou seja, é preciso compreender a relação língua e discursividade. (DIAS, 2015, p. 980).

Aqui sublinho a “injunção do digital” mencionada por Dias (2015), na medida em que o meme explora uma aproximação junto ao sujeito que o interpreta, produzindo, por um lado, um *efeito de evidência* estruturado pelo *efeito ideológico elementar* (PÊCHEUX, 2009 [1975]), e, por outro lado, a identificação de uma infração que os discursos atravessados no meme provocam nesse sujeito que o interpreta. Como afirma Orlandi (2007):

A interpretação é sempre regida por condições de produção específicas que, no entanto, aparecem como universais e eternas. É a ideologia que produz o efeito de evidência, e da unidade, sustentando sobre o já dito os sentidos institucionalizados, admitidos como “naturais”. (ORLANDI, 2007, p. 30-31).

Nesse duplo funcionamento, sob esse efeito de evidência funciona uma memória compartilhada que é elemento central da injunção mencionada por Dias (2015), embora a rede de sentidos no meio digital explore bastante a horizontalização de informações, em meio a informações falsas e modificadas em um curto espaço de tempo. Apesar disso, interessa-me aproximar a observação de Dias (2015) ao questionamento de Muniz (2018), com o objetivo de ressaltar que a o funcionamento

ideológico possibilitado pela memória discursiva é central no entendimento do meme enquanto um gênero discursivo.

Em outra pesquisa recente voltada à análise dos memes, Lopes (2020), ciente da complexidade do objeto, propõe dar maior atenção às lacunas em torno das definições do que se entende por meme do que propriamente sugerir uma definição. Na medida em que não é central nessa análise esmiuçar a compreensão em torno da nomenclatura do termo meme, considero razoável compreendê-lo a partir de algumas características<sup>8</sup>, como as descritas por Lopes (2020) em sua pesquisa, a saber: (i) a veiculação digital em massa (isto é, o modo particular como circula discursivamente), (ii) o caráter humorístico (aqui compreendido tanto pelo funcionamento discursivo quanto pelos elementos verbo-visuais que o compõe, pela técnica investida), (iii) a compreensão que se trata de um material que pode sofrer alterações à medida que circula, sobretudo, nas redes sociais.

Estes elementos são suficientes para considerar o vídeo publicado pelo Jornal “O piauiense” como um meme. Para sustentar esse posicionamento, proponho iniciar a análise a partir de uma das características mais proeminentes, embora não a veja como central, no meme publicado pelo jornal “O piauiense”: a possibilidade deste material sofrer alterações.

Trata-se de uma característica comum a muitos textos presentes no meio digital. Com o texto humorístico não é diferente: por exemplo, assim como ocorre nas alterações que algumas piadas podem sofrer, sobretudo em relação à adequação a diferentes “alvos”, nos memes também é possível observar esse movimento.

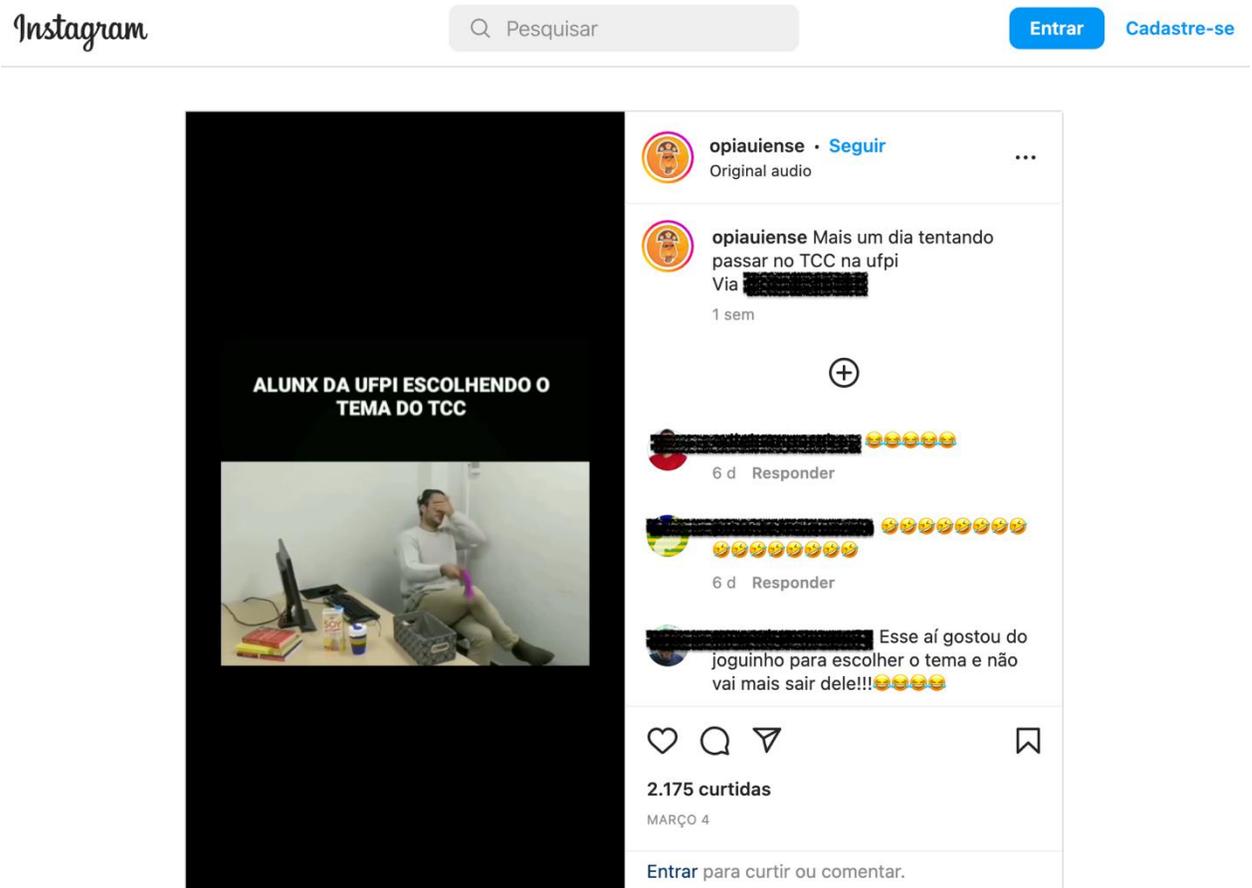
Como adiantado no início do texto, no meme publicado pelo jornal “O piauiense” apresenta palavras em inglês no quadro, porém apresenta um título em português (“AlunX da UFPI escolhendo o tema do TCC”) que comparece em todos os momentos do meme, configurando a única pista de que se trata de uma alteração de um meme anterior. A fim de ilustrar essa característica, bem como descrever e analisar as particularidades discursivas e linguísticas, recorro às seguintes sequências discursivas<sup>9</sup> retiradas do meme da postagem do jornal piauiense.

---

<sup>8</sup> É importante dizer que Lopes (2020) descreve e investe em outras características associadas aos memes a partir da contribuição de outros pesquisadores. Embora reconheça algumas dessas características no meme a ser analisado, optei por privilegiar apenas algumas dessas “características proeminentes”, como assim nomeia a autora.

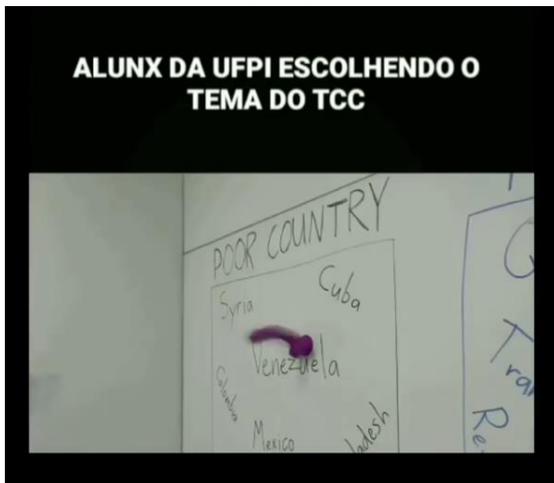
<sup>9</sup> Compreendo por sequências discursivas (SD) a materialização do interdiscurso processada no eixo da formulação, o intradiscurso. Com isso, acredito que assumo a noção atrelada à noção de recorte, sublinhando o modo como o objeto se constitui em meio às suas condições de produção.

(SD-1)



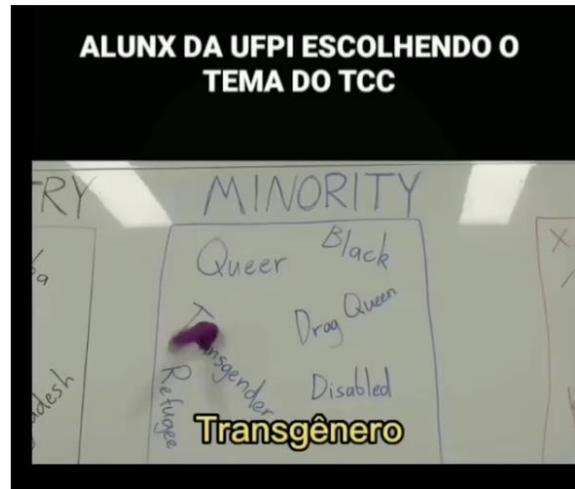
Frame 1 – Página do Instagram com o início do meme

(SD-2)



Frame 2 – Primeiro arremesso no quadro.

(SD-3)



Frame 3 – Segundo arremesso no quadro.

Alguns pontos merecem atenção. As cenas descrevem um suposto roteiro de pesquisa de um “alunX” de uma universidade pública (simbolicamente representada pela menção à UFPI). Na SD-1, há um rapaz sozinho em uma sala, próximo a uma mesa com computador e livros, símbolos de estudo e pesquisa. Acrescenta-se ao cenário a presença de um leite de soja, bastante associado a pessoas veganas, mas também a estudantes da área de humanas: eles são retratados como mais “sensíveis” às questões ambientais – estas, por sua vez, encaradas como falaciosas no discurso conservador. Ainda nessa SD, o rapaz tapa os próprios olhos e inicia um arremesso, às escuras, de um pênis lilás de borracha que havia sido retirado de uma caixa preta que se encontra em cima da mesa. Na SD-2, há um quadro branco, em que é possível identificar o que seria um conjunto de países pobres (“*Poor country*”) composto pela Síria, Cuba, Colômbia, Venezuela, México e Bangladesh – todos redigidos em inglês. Nesse conjunto de países, o rapaz acerta o pênis de borracha na Venezuela, mais ao centro do quadro. Por fim, na SD-3, há o desfecho do segundo e último arremesso deferido pelo rapaz em outro conjunto redigido no quadro branco presente na sala. No conjunto intitulado de “Minorias” (“*Minority*”), há os seguintes registros: *Queer*<sup>10</sup>, *Black* (Negros), *Drag Queen*<sup>11</sup>, *Transgender*<sup>12</sup> (transgêneros), *Disabled* (deficientes) e *Refugee* (refugiados). Nesse frame, o arremesso acerta em transgênero. O meme encerra após a imagem do segundo quadro.

Nesse momento, avançar na análise corresponde à descrição e à análise das condições de produção do discurso conservador que atravessa a postagem. Como já dito, o meme é uma repostagem<sup>13</sup> em resposta à notícia veiculada em outro jornal piauiense, o “CidadeVerde.com”, que veicula uma matéria descrevendo os ataques que uma pesquisadora do curso de mestrado em Políticas Públicas, após defender sua dissertação de mestrado na UFPI. Essas considerações fornecem indícios do imaginário estereotipado próprio do discurso conservador: a associação do aluno da área de humanas a pesquisas de interesse particular, a identificação do “enviesamento ideológico de esquerda”, a visão utilitarista da ciência, o gasto “indevido” de dinheiro público, entre outras paráfrases possíveis que ilustram o funcionamento desse discurso quando o tema é a universidade pública e os sujeitos que a integram de modo geral. Todas essas características são identificadas, por exemplo, na nota publicada pela UFPI mencionada na introdução desse texto.

Esse imaginário é produzido por uma tomada de posição que se realiza a partir da mobilização de uma memória em torno do oponente o qual almeja confrontar. Tal compreensão pode ser descrita pelo funcionamento das formações ideológicas responsáveis pelo modo como os enunciados produzem sentidos:

Cada formação ideológica constitui desse modo um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” e nem “universais”, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas em relação às outras. (HAROCHE, PÊCHEUX; HENRY, 1971, p. 6).

<sup>10</sup> De modo amplo, *Queer* compreende um signo amplo que abrange pessoas que não são heterossexuais ou cisgênero, que não se interessam em definir a sua orientação sexual ou gênero, que não se identificam com esses rótulos.

<sup>11</sup> O termo define geralmente homens que se vestem de mulher, embora suscite polêmicas que defendem uma compreensão mais ampla que acolha outras representações.

<sup>12</sup> Também é um termo de designação ampla, mas geralmente associado a pessoas que não se identificam com o sexo biológico.

<sup>13</sup> A repostagem compreende a publicação de uma postagem de outro usuário da mesma rede social. No caso em análise, a publicação do jornal “O piauiense” foi primeiramente postada por um jornalista conservador, piauiense e que contribui com frequência com o próprio jornal, como pode ser identificado no *Frame 1*.

Com efeito, a evocação de um imaginário do aluno de ciências humanas descolado do objetivo das pesquisas defendido pelas próprias universidades está amparada no modo como a ideologia se materializa no discurso conservador. E essa materialização provoca um efeito de sentido edificado na moral – seria a universidade alheia a essa “norma”. Ideologicamente, essa representação é ilustrada não só pelo modo como o rapaz do meme é representado, mas também, e sobretudo, pelo enunciado “AlunXs” da UFPI escolhendo o tema do TCC”, posto que o “X” em “AlunXs” perfaz uma associação ao discurso de esquerda e a suas práticas contrárias ao discurso conservador. Dizer “AlunXs” não é o mesmo que dizer “Alunos” no meme: este uso é entendido como um uso suficientemente amplo e estabilizado que abrange tantos homens como mulheres; já aquele, ainda segundo esse posicionamento, apela a uma memória que associa a representação simbólica de inclusão na língua a uma atitude forçada de fazer a sociedade aceitar a presença de pessoas que não se identificam com os gêneros sexuais. Assim, a opção pelo uso do “X” explora não o ponto de vista do sujeito-enunciador, mas do Outro, por meio da associação ao discurso visto como de esquerda, com o objetivo de ridicularizá-lo – ao menos espera-se que o leitor do jornal identifique no meme o rebaixamento das práticas entendidas como comuns no ambiente universitário.

Sobre o funcionamento discursivo em torno da linguagem neutra, uma boa investida no assunto é a discussão empreendida por Barbosa Filho (2022), em que o analista de discurso reflete sobre o que se entende por língua no Brasil, dentro e fora do ambiente acadêmico, sem deixar de sublinhar o político que dá corpo à discussão. Outros bons trabalhos sobre a temática vista pelo recorte discursivo são encontrados em livro organizado por Barbosa Filho e Othero (2002) e em Medeiros (2021).

Acrescentando ao que foi dito, é razoável defender a presença do funcionamento do estereótipo, na medida em que tais representações recorrem ao imaginário próprio do discurso conservador. Sem querer avançar na discussão acerca do funcionamento dos estereótipos, contudo, proponho uma investida sobre seu funcionamento em meio aos sentidos que os discursos sustentam. Para tanto, recorro a dois excertos que investem exatamente no olhar discursivo:

O que se disse acima sobre os estereótipos serem construções sociais simplificadoras explica bem por que eles são retomados: os discursos não nascem diretamente do mundo, nem dos sujeitos. Mesmo quando refletem traços do mundo e “representações” (portanto, individuais) dos sujeitos, eles o fazem apelando a uma memória. Em muitos casos (por exemplo, considerados certos grupos de mulheres), é possível que os estereótipos sejam apenas efeito de memória, isto é, que a relação com o mundo tenha desaparecido. (POSSENTI, 2007, p. 82)

[...] haveria, sob a repetição, a formação de um efeito de série pelo qual uma “regularização” (termo introduzido por P. Achard) se iniciaria, e seria nessa própria regularização que residiriam os implícitos, sob a forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrase (que poderiam a meu ver conduzir a questão da construção dos estereótipos). (PÉCHEUX, 1999, p. 52).

Tanto a compreensão de que os estereótipos sejam “efeitos de memória” (POSSENTI, 2007) quanto “efeitos de paráfrase” (PÉCHEUX, 1999) são, a meu ver, entendimentos centrais na reflexão sobre o funcionamento discursivo do estereótipo. Ambos podem ser ilustrados na SD-2 e SD-3: o objeto de estudo recortado a partir de um conjunto de temas associados a minorias apela a um *efeito de memória* que representa a universidade pública como o “lugar ideológico esquerdista”, “alheia aos interesses da sociedade”. Além disso, a escolha realizada de modo aleatório do tema de TCC –

confundido no enunciado em português (“AlunX da UFPI escolhendo o tema do TCC”<sup>14</sup>) com uma dissertação de mestrado – evoca uma memória fruto de dizeres regularmente repetidos no discurso conservador – mas não apenas nele –, promovendo, de acordo com esse discurso, *efeitos de verdade* sobre as práticas desenvolvidas da universidade.

Outro elemento que contribui com essa compreensão é a presença do pênis de borracha lilás. Este não funciona apenas como um componente do arremesso: sua presença remete à exploração da imagem estereotipada de um “alunX” da área de humanas que pesquisa temas “irrelevantes” e “imorais” na universidade segundo a ótica do discurso conservador. O objeto arremessado completa o efeito de sentido em torno da sexualidade, uma pauta muito forte do conservadorismo (uma obsessão?). Nesta representação aproxima-se a linguagem neutra explorada no enunciado à sexualidade por meio do pênis lilás de borracha. A repetição desses estereótipos se vale da representação calcada no imaginário que se tem sobre o alvo ou tema explorado, um procedimento comum dos textos de humor.

Nesse agregado de representações, curiosamente os estudantes e pesquisadores da universidade pública seriam propensos a escolher temas de pesquisa baseados em uma filiação ideológica supostamente de esquerda que se baseia em “atacar” a família e as “pessoas de bem”, ao tratar de temas de “minorias”, “países pobres”, além de promover a discussão “forçada” sobre sexualidade – talvez este último o ponto mais valorizado pelo discurso conservador. Diante dessa leitura do que vem sendo realizado nas universidades públicas, na área de humanas, evoca-se o discurso de neutralidade nas pesquisas, uma demanda historicamente associada ao pensamento positivista, mas que, no meme em análise e nos discursos conservadores, comparece como um efeito de verdade e sem menção direta a esta tese.

Como afirma Orlandi (1994, p. 56), “A ideologia é a interpretação de sentidos em certa direção”. De fato, diante da compreensão desse funcionamento ideológico, não há espaço para dizer que o meme em questão não é humor, por exemplo, pois essa compreensão é sustentada tanto pelas práticas que fazem circular o que é entendido como humor quanto pelas práticas que fazem circular o imaginário do que seria a liberdade de expressão.

## Conclusões

Não é necessário ir a fundo sobre o que vem sendo questionado nos textos de humor para admitir que o que é historicamente associado ao funcionamento do humor vem sendo questionado – sobretudo, a existência de um alvo e a cumplicidade entre pares no ato humorístico. Frequentemente o problema aparenta ganhar notoriedade pela maneira como os alvos do texto humorístico são retratados. Nesse momento, há a quebra da relação entre o responsável pelo texto de humor e aquele que seria o seu cúmplice.

A prática do humor historicamente é encarada como espaço da transgressão mediante a existência de uma ordem preexistente, sempre já lá. É o lugar onde os discursos são e não são submetidos à ética do riso (em menor intensidade quando em oposição à ideologia dominante; com maior fervor diante de minorias), é o lugar onde comparecem o conflito, a resistência, o efeito de liberdade e de limites, marcados na fissura desse espaço. Na AD, ancorada no modo como o sentido e o sujeito se produzem no ato do dizer, esse funcionamento é compreendido pela posição que o sujeito ocupa em dada formação discursiva em relação aos temas abordados, mediada pelo imaginário.

---

<sup>14</sup> O mesmo equívoco ocorre no enunciado que acompanha o meme feito pelo próprio jornal: “Mais um dia tentando passar no TCC”. Chama ainda atenção a construção “passar no TCC”.

Ao defender o funcionamento da historicidade como fator determinante nos sentidos produzidos quando se diz que o meme provocaria o riso ou o repúdio entre os leitores do jornal, compreendo que o sujeito que enuncia não é o “Jornal O Piauiense” ou aquele que publica um texto de humor, mas o sujeito que ocupa a forma-sujeito machista, higienista, intolerante etc. que aqui nomeamos pela associação ao discurso conservador. Apenas quando se compreende, em um gesto de interpretação, que o suposto efeito de humor simboliza, por uma memória que atualiza essa posição, a marginalização e a ofensa, o texto de humor não será interpretado como tal. Em outras palavras, a maneira como um ato humorístico será interpretado será atribuído à posição que o sujeito (tanto o publicador quanto o ouvinte) assumirá diante do(s) tema(s) e alvo(s) mobilizados. Afinal, todo dizer reclama sentidos.

### Referências Bibliográficas

BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. **A linguagem neutra e a ética da linguística**. Revista digital Parábola, ano 2, ed. 13, p. 14-19, mar. 2022.

BARBOSA FILHO, Fábio Ramos.; OTHERO, Gabriel Ávila (Org.). **Linguagem 'neutra': língua e gênero em debate**. São Paulo: Parábola, 2022.

BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman. Introdução: humor e história. In: \_\_\_\_\_. **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Trad. Ana Paula Oliveira e Miguel Abreu. Lisboa: Gradiva, 2003 [1976].

DIAS, Cristiane. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do *corpus*. In: **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 44 (3), set.-dez, 2015, p. 972-980.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905)**. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1905].

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel e HENRY, Paul. A Semântica e o Corte Saussuriano: Língua, Linguagem, Discurso. 1971. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/pecheux/1971/mes/semantica.htm>. Acesso em: 13 fev. 2023.

LOPES, Shara Lyllian de Castro. **A construção do humor pela identidade nordestina em Suricate Seboso**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP : [s.n.], 2020.

MEDEIROS, Laís Virginia Alves. **Quais sentidos para gênero?** Uma análise de dicionários. Linguagem em (dis)curso (online), v. 21, 2021, p. 71-93.

MINOIS, Georges. **Historia do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MORENO, Brena. Pesquisadora é alvo de ataques de ódio após defender dissertação de mestrado na Ufpi. **Cidadeverde.com**, 03 mar. 2023. Geral. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/388071/pesquisadora-e-alvo-de-ataques-de-odio-apos-defender-dissertacao-de-mestrado-na-ufpi>. Acesso em: 25 set. 2019.

MUNIZ, Celina. Rir de si nas redes sociais: memes e autoderrisão. **Discurso & Sociedad**. v.12 (3), 2018. p. 412-424.

OPIAUIENSE. **Mais um dia tentando passar no TCC na UFPI**. Piauí. 4 mar. 2023. Instagram: @opiauiense. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CpYK1E2jknK/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 05 mar. 2023

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes. 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso, imaginário social e conhecimento**. Em abreto. Educação e imaginário social: revendo a escola. Brasília. Ano 14, n. 61, Jan/Mar., 1994.

PAVEAU, Marrie-Anne. **Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas**. Trad. Ivone Benedetti. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009 [1975].

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In.: ACHARD Pierre [et al]. **Papel da Memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999, p. 49-57.

POSSENTI, Sírio. Discurso humorístico e representações do feminino. In: **Estudos da Linguagem**. v. 5, n. 1. Vitória da Conquista, 2011, p. 63-94.

POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**, v. 3, São Paulo: Cortez, 2004, p. 353-392.

SOUZA, Alan Lobo de. **Limites do humor: o funcionamento discursivo da polêmica**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2017.

SOUZA, Alan Lobo de. **Estereótipos em piadas sobre baiano**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2013.

UFPI. **Nossa solidariedade a nossa discente Luara Dias Silva**. Piauí. 1 mar. 2023. Instagram: @ppgpufpi. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CpQFyH6uanS/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CpQFyH6uanS/?img_index=1). Acesso em: 05 mar. 2023

Submetido em 29/03/2023

Aceito em 07/07/2023